

## O Perfil e as Características do Empreendedor e a Mortalidade dos Pequenos Negócios no Município de Leopoldina – MG.

Rodrigo Lacerda Sales  
[rodrigo\\_juf@policard.com.br](mailto:rodrigo_juf@policard.com.br)  
Universidade Presidente Antonio Carlos

Aluizio Antonio de Barros  
[barros\\_adm@yahoo.com.br](mailto:barros_adm@yahoo.com.br)  
Universidade Presidente Antonio Carlos

### Resumo

O objetivo principal desse trabalho é comunicar os resultados de uma pesquisa descritiva, que procurou investigar as características específicas de 32 empreendimentos produtivos da cidade de Leopoldina – MG, que não sobreviveram entre os anos de 2000 e 2005, o perfil de seus proprietários/empreendedores e identificar ou descobrir a existência de relações entre as variáveis pesquisadas. Este grupo de empresas representa 2,32 % do total de empreendimentos iniciados no período e 33,68 % do total de empreendimentos que fracassaram. O referencial teórico consultado destaca a importância dos pequenos negócios na economia do Brasil e define o empreendedor como um elemento essencial, senão o único, capaz de inovar e criar prosperidade e riqueza no contexto econômico. Os resultados obtidos apontam para uma taxa de mortalidade muito acima da média do Brasil e de Minas Gerais. Destacaram-se como fatores mais importantes para o fechamento das empresas o fato dos empreendedores pesquisados não possuírem o perfil e a maioria das características dos empreendedores bem sucedidos: como liderança, inovação, criatividade, diferenciação, intuição, experiência em negócios, envolvimento, assumir riscos e perseverança.

### Introdução

Com uma população superior a 50 mil habitantes, o município de Leopoldina situa-se na Zona da Mata Mineira, cuja base econômica se expandiu com a cultura do café e outros bens da agropecuária para o abastecimento dos centros urbanos no litoral do Rio de Janeiro. Hoje cerca de 90% de sua população encontra-se na área urbana e o município classifica-se com de médio desenvolvimento humano (PNUD, 2004; IBGE, 2000). Segundo este índice de Desenvolvimento Humano Municipal, Leopoldina ocupa a 122<sup>a</sup> posição entre os 853 municípios mineiros.

A atividade econômica atual do município continua projetando o peso da agropecuária, mas vem se diversificando nos últimos anos. No ano de 2001, Leopoldina possuía 1.481 empresas registradas gerando 6.723 empregos formais. Os principais setores de atividade econômica nesse ano eram o de produção mista (lavoura e pecuária) com 388 empresas e 742 empregos formais, seguido pelo setor de confecções de artigos de vestuário e acessórios com 18 empresas e 638 empregos formais. O setor de criação de bovinos foi o terceiro setor com maior número de empresas, apresentando 17 empresas formais. Já o setor de artefatos têxteis, incluindo tecelagem, foi o terceiro setor a gerar o maior número de empregos formais 163 (BNDES, 2006; RAIS/MTE 2001).

De acordo com o Diagnóstico Municipal feito em 1997 pelo SEBRAE – MG, por meio do Programa de Emprego e Renda – PRODER, não existia até essa data uma legislação municipal especificamente voltada para o benefício dos pequenos negócios. Os incentivos e as ações do Governo municipal estavam mais dirigidos para atrair empresas de médio e grande porte na expectativa de que seriam capazes de gerar um número maior de empregos. O diagnóstico apontou que esta era a principal prioridade da gestão pública daquela época (SEBRAE MG, 1997).

No dia 27 de outubro de 2005, foi sancionada pelo atual Prefeito Municipal a Lei nº 3.671/2005, que instituiu o PRODEM – Programa de Apoio ao Desenvolvimento Econômico do Município de Leopoldina. Esse programa tem como objetivo atrair novos empreendimentos econômicos e, conseqüentemente, o aumento na geração de emprego e renda (LEOPOLDINA, 2005). Observa-se uma lacuna entre o Diagnóstico de 1997 e a instituição do PRODEM em 2005. Essa lacuna pode ter significado a falta de apoio à criação e ao desenvolvimento de empresas, principalmente as de pequeno porte.

A classe empresarial de Leopoldina criou em meados de 2006 o Movimento “Unir e Crescer – Leopoldina Precisa”, com o objetivo de mobilizar o poder público, a sociedade civil, empreendedores, empresários e demais organizações do chamando Terceiro Setor. As pessoas envolvidas nesse Movimento acreditam que um ambiente favorável aos pequenos negócios e a disseminação de uma cultura empreendedora no município possam gerar emprego e renda e conseqüentemente o desenvolvimento local.

Pode ser que, com a criação do PRODEM – Programa de Apoio ao Desenvolvimento Econômico do Município de Leopoldina em 2005, o apoio à criação e ao desenvolvimento de empresas (inclusive as de pequeno porte) passe a fazer parte das prioridades da gestão municipal. A presente pesquisa demonstra a importância dos pequenos negócios no município e seus resultados poderão orientar a política municipal.

O primeiro passo foi conhecer o papel dos pequenos negócios, seu dinamismo e seus problemas. Qual o perfil sócio-econômico e as características do empreendedor/proprietário desse pequeno negócio?

No Brasil, 49,4% das empresas não sobreviveram mais de dois anos e no Estado de Minas Gerais 45,0% delas também não sobreviveram mais de dois anos (SEBRAE NACIONAL, 2004; SEBRAE MG, 2004).

Para Souza (2005), nesse contexto atual de incertezas e desafios, a sobrevivência e o desenvolvimento dos pequenos negócios dependem, em grande parte, da formação e da capacitação de seus atores. Essa capacitação e formação devem ser voltadas não só para conhecimentos e habilidades de natureza gerencial e técnica, mas, também, para a criatividade e a auto-realização, o que, segundo ela, expressa aspectos fundamentais do empreendedorismo.

De acordo com Dolabela (1999), tudo leva a crer que o desenvolvimento econômico está relacionado com o grau de empreendedorismo de uma comunidade. Sendo as condições do ambiente favoráveis ao desenvolvimento, os empreendedores aproveitam-se delas e disparam um processo de desenvolvimento. O empreendedor cria e aloca recursos para uma comunidade, e o que é mais importante, é gerador de inovações que dão dinamismo econômico.

As taxas de mortalidade dos pequenos negócios são altas no Brasil e em Minas Gerais (SEBRAE NACIONAL, 2004; SEBRAE MG, 2004) e, no centro dos acontecimentos, está a figura do empreendedor.

Os pequenos negócios são importantes na vida econômica de Leopoldina (em 2001 representavam quase 87% dos empregos formais do município – vide Tabela 1) e por isso precisamos conhecer o perfil e as características de seus empreendedores e possíveis causas do seu fracasso.

## Referencial Teórico

### **Empreendedorismo a Importância dos Pequenos Negócios na Economia do Brasil – Taxas de Mortalidade**

Empreendedorismo, o perfil do empreendedor e os pequenos negócios estão freqüentemente em discussão, mas o conteúdo de cada um desses conceitos possui uma variação de país para país e de autor para autor.

Segundo Wennekers e Thurik (1999, p.47), empreendedorismo não é sinônimo de pequeno negócio, mas as pequenas empresas são um veículo importante, através das quais as pessoas podem canalizar suas ambições empreendedoras.

Filion (1999, p.5) é enfático ao afirmar que “qualquer discussão sobre pequenas empresas deve ser precedida, necessariamente, por uma discussão em torno do conceito de proprietários de pequenas empresas, e não se pode falar nisso sem também falar no conceito de empreendedor”.

De acordo com o relatório GEM – *Global Entrepreneurship Monitor* (2004a), em todos os anos em que o Brasil participou da pesquisa GEM, o país manteve-se entre os sete países com Taxas de Empreendedores Iniciais (TEA) mais altas – em 2004 posicionou-se em 7º lugar, com uma TEA de 13,5%. Estima-se que o Brasil comporte um contingente de 15 milhões de empreendedores. Desses empreendedores, em torno de 35% estão à frente de negócios em estágios nascentes, com menos de três meses de vida e aproximadamente 65% administram negócios com tempo de vida entre três e quarenta e dois meses.

No relatório do GEM (2005) o Brasil permaneceu na sétima posição entre os países com TEA mais altas, porém a TEA registrada foi de 11,3% contra 13,5% de 2004.

Segundo o IBGE (2006), no ano de 2004 surgiram 716.604 novas empresas no Brasil (94,0% dessas empresas ocupavam 0 a 4 pessoas e 5,4% ocupavam 5 a 19 pessoas), o que representou um aumento de 1.537.450 pessoas ocupadas (61,9% dessas pessoas estavam ocupadas em empresas de 0 a 4 pessoas e 20,0% em empresas 5 a 19 pessoas). Nesse mesmo período foram extintas 529.587 empresas (96,7% dessas empresas ocupavam 0 a 4 pessoas e 3% ocupavam 5 a 19 pessoas), o que correspondeu a uma redução de 931.387 pessoas ocupadas (72,4% dessas pessoas estavam ocupadas em empresas de 0 a 4 pessoas e 12,6% em empresas 5 a 19 pessoas) resultando em um saldo líquido positivo de 187.017 empresas (sendo que dessas empresas, aproximadamente 98,46% eram micro empresas) e 546.063 pessoas ocupadas (sendo aproximadamente 76,46% em micro empresas) na comparação do ano anterior - 2003.

Considerando a classificação das Micro, Pequenas e Médias Empresas dada pelo SEBRAE Nacional (2004), pode-se dizer que 99,4% das empresas que surgiram em 2004 são de pequeno porte, ou seja, micro empresa e 81,9% dos empregos gerados nesse mesmo período, também foram gerados por essas empresas.

O estudo do IBGE (2006) revelou, ainda, que de 2003 para 2004, as maiores taxas de natalidade (17,3%) e mortalidade (13,2%) foram encontradas nas empresas de menor porte (0 a 4 pessoas ocupadas), revelou também que, para cada dez empresas criadas, cerca de sete foram fechadas.

Segundo os resultados da mais abrangente pesquisa do SEBRAE Nacional (2004, p.19) sobre a taxa de mortalidade empresarial no Brasil, que considerou as empresas constituídas e registradas nas juntas comerciais dos Estados (pesquisa amostral nas 26 Unidades da Federação e no Distrito Federal) nos anos de 2000 a 2002, 49,4% das empresas brasileiras encerraram suas atividades com até dois anos de existência, 56,4% com até três anos e 59,9% não sobrevivem além dos quatro anos.

O SEBRAE - MG (2004) mostrou em seu Relatório de Pesquisa que nos anos de 2000 a 2002, a taxa de mortalidade das empresas em Minas Gerais foi de 45% para as empresas com até 02 (dois) anos de existência, 50% no caso das empresas com até 03 (três) anos e 47,4% no caso das empresas com mais de 04 (quatro) anos.

A mortalidade ou sobrevivência dos pequenos negócios está sempre associada com fatores como as falhas gerenciais, o perfil e o comportamento do empreendedor, os abusos de recursos e as ações do ambiente de negócios (GONÇALVES, OLIVEIRA E GOSLING, 2006; FONTANELLE, HOELTGEBAUM E SILVEIRA, 2006; URIARTE *et al* 2000).

### **Empreendedorismo, o Perfil e as Características do Empreendedor**

O primeiro a usar o termo *entrepreneur* na história do pensamento econômico foi o fisiocrata e crítico do mercantilismo, Richard Cantillon, falecido em 1734 (HÉBERT e LINK, 1989; GARCIA, 2000). Sua noção de empreendedor assemelha-se àquela de muitos autores contemporâneos. Ele via o empreendedor como um inovador e como um *risk-taker* (aquele que assume ou corre o risco).

A literatura anglo-saxônica geralmente considera que Schumpeter foi o primeiro a empregar o termo *entrepreneur* na ciência econômica. Mas o próprio Schumpeter deu crédito a Cantillon quando escreveu:

...Cantillon tinha um conceito bem claro da função do entrepreneur... Isto, é claro, é uma doutrina escolástica, mas ninguém antes de Cantillon o formulou de forma tão completa. E pode ser devido a ele que os economistas franceses, ao contrário dos ingleses, nunca perderam de vista a função empresarial e sua importância central. (SCHUMPETER, 1964, p. 278).

Muitas décadas após Cantillon, Jean Baptiste Say, ele próprio um *entrepreneur*, fez uma distinção clara entre o capitalista e o *entrepreneur* e eventualmente entre os lucros do primeiro e do segundo (SAY, 1803, SCHUMPETER, 1954 *apud* GARCIA 2000).

Segundo Schumpeter, devido ao fato de ter sido o primeiro a estabelecer e explicar essa distinção, Say pode ser chamado de “pai do *entrepreneurship*”, isto é o que Schumpeter escreveu sobre o assunto:

J.B. Say, estudando a tradição francesa (Cantillon), foi o primeiro a estabelecer para o entrepreneur - para si próprio e como distinto do capitalista - uma posição definitiva no esquema do processo econômico (SCHUMPETER, *apud* GARCIA, 2000, p.26).

Segundo Filion (1999), Cantillon e Say consideravam os empreendedores como pessoas que corriam riscos, basicamente porque investiam seu próprio capital, dessa forma Filion destacou no conceito de empreendedor o fator risco no investimento de seu próprio capital.

De acordo com Garcia (2000), com o tempo os *entrepreneurs* passaram a ser diferenciados cada vez mais dos capitalistas. O capitalista que tem ou gerencia uma empresa começa a conhecer as formas de inovar, progredir e superar concorrentes. Tem-se, portanto, na mesma empresa administrada pelo proprietário-gerente: (1) a atividade do capitalista, que consiste em assegurar que haja um retorno satisfatório do capital investido, (2) as atividades administrativas (funções administrativas) que mantêm funcionando a empresa, liquidando seus compromissos, suas contas, salários, etc. (3) as atividades empreendedoras, que consistem em fazer as coisas de uma forma diferente, inovando, com o objetivo de obter uma renda adicional. A função empreendedora é reconhecida quando se percebe que aquela renda adicional pode ser conseguida com algumas inovações, tais como: a introdução de um novo

bem, um novo método de produção, a abertura de um novo mercado, a conquista de nova fonte de suprimento das matérias-primas e uma nova organização da indústria (SCHUMPETER, 1961, p.93).

Para Filion (1999), foi Schumpeter, em 1928, quem realmente lançou o campo do empreendedorismo, associando-o claramente à inovação e ao desenvolvimento econômico.

Na trilha de Schumpeter, Sales e Souza Neto (2004, p.9), afirmam que:

...o empreendedor pode ser caracterizado como um elemento essencial, senão o único, capaz de sugerir e introduzir inovações que venham a criar prosperidade e riqueza no contexto econômico, principalmente pelo fato do empreendedorismo ter destaque como uma das bases fundamentais para a compreensão do processo da criação de riquezas e ciclos de crescimento econômico (SALES; SOUZA NETO, 2004, p.9).

Filion (1999, p.8) distingue os autores que estudaram o empreendedorismo pelo lado do comportamento humano, os comportamentalista (psicólogos, psicanalistas, sociólogos e outros especialistas). Segundo Filion, um dos primeiros autores desse grupo que mostrou interesse pelos empreendedores foi Max Weber, em 1930. “Ele identificou o sistema de valores como um elemento fundamental para a explicação do comportamento empreendedor, via os empreendedores como inovadores, pessoas independentes, onde o papel de liderança nos negócios inferia uma fonte de autoridade formal” (FILION, 1999, p.8). Entretanto, para Filion, foi David C. McClelland o autor que realmente iniciou a contribuição das ciências do comportamento para o empreendedorismo. MacClelland não definia empreendedores da mesma forma que se encontrava na literatura sobre o assunto, para ele, “Um empreendedor é alguém que exerce controle sobre uma produção que não seja só para o seu consumo pessoal. De acordo com a minha definição, um executivo em uma unidade produtora de aço na União Soviética é um empreendedor” (MCCLELLAND, 1971; 1961:65 APUD FILION 1999).

Segundo Filion (1999 p.9), depois de MacClelland, os comportamentalistas dominaram o campo do empreendedorismo por vinte anos, até o início dos anos oitenta. A agenda de estudo deste grupo concentrava-se em definir o que são empreendedores e quais as suas características. Várias publicações mostraram uma série de características atribuídas aos empreendedores. As mais comuns estão reunidas no Quadro 1 abaixo:

**Quadro 1**  
**Características mais Frequentemente Atribuídas aos Empreendedores pelos Comportamentalistas**

<b>Características dos Empreendedores</b>		
Inovação	Otimismo	Tolerância à ambigüidade e à incerteza
Liderança	Orientação para resultados	Iniciativa
Riscos moderados	Flexibilidade	Capacidade de aprendizagem
Independência	Habilidade para conduzir situações	Habilidade na utilização de recursos
Criatividade	Necessidade de realização	Sensibilidade a outros
Energia	Autoconsciência	Agressividade
Tenacidade	Autoconfiança	Tendência a confiar nas pessoas
Originalidade	Envolvimento a longo prazo	Dinheiro como medida de desempenho

Fonte: Hornaday (1982); Meredith, Nelson & Neck (1982); Timmons (1978) *apud* Filion (1999)

Para Schumpeter (1984, p.112) “O empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos materiais”.

Schumpeter (1984, p.112 – 3) definiu como “destruição criativa”:

A abertura de novos mercados – estrangeiros ou domésticos – e o desenvolvimento organizacional, da oficina artesanal aos conglomerados com a U.S. Steel, ilustram o mesmo processo de mutação industrial – se me permitem o uso do termo biológico – que incessantemente revoluciona a estrutura econômica a partir de dentro, incessantemente destruindo a velha, incessantemente criando uma nova. Esse processo de Destruição Criativa é o fato essencial acerca do capitalismo (SCHUMPETER, 1984, p.112-3).

A ênfase no empreendedorismo, segundo Dornelas (2001), surge muito mais como uma consequência da rapidez dos avanços tecnológicos, do que como um modismo. A atual competitividade na economia força os empresários a adotar formas e modelos diferentes de gestão. Isso faz com que esse momento seja considerado a era do empreendedorismo, incorporando aquelas características empreendedoras exemplificadas no quadro apresentado por Filion.

De acordo com Souza (2005, p.5), na visão de muitos autores o sucesso ou mesmo a sobrevivência de uma pequena empresa depende principalmente do comportamento e das características pessoais que marcam os empresários inovadores. Para essa autora, “a inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para negócios ou serviços diferentes, podendo ser aprendida e praticada”.

Filion (2000) em seu artigo “Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares”, apresenta algumas características de empreendedores bem-sucedidos, destacando entre elas: experiência em negócios, diferenciação, intuição, envolvimento, sonhadores realistas (visionários), líderes, aprendizagem dos seus próprios padrões.

Em seu trabalho “Empreendedorismo: da gênese à contemporaneidade”, Souza (2005) apresenta uma matriz das características de empreendedor e empreendedorismo, de acordo com a revisão de literatura realizada pela autora e apresentada no Quadro 2.

**Quadro 2**  
**Matriz de características de empreendedor e empreendedorismo**

Características	Autores																
	J. Schumpeter	D. McClelland	M. Weber	L.J. Filion	R.E. Macdonald	R. Degen	P. Drucker	R. Lalkala	I. Dutra	Barros e Prates	H. Mintzberg	E. Angelo	Logenecker et al	E. Leite	Carland et al.	Frese et al.	TOTAL
Buscar Oportunidades	x	x		x	X	x	x		x		x	x	x	x			11
Conhecimento do Mercado						x	x	x				x		x			5
Conhecimento do Produto						x	x	x				x		x			5
Correr Riscos	x	x		x	X	x	x				x	x		x	x		10
Criatividade		x		x		x		x	x	x		x		x	x		9
Iniciativa	x	x		x					x					x		x	6
Inovação	x	x	x	x	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	16
Liderança	x	x	x	x	X		x				x						7
Necessidade de Realização	x	x									x				x	x	5
Proatividade	x	x		x											x	x	5
Visionariedade				x					x		x			x		x	5

Fonte: Souza (2005, p.17)

Para Souza (2005), essas características apresentadas no quadro 2, podem se estender a vários tipos de empreendedores, conforme Quadro 3.

**Quadro 3**  
**Características e Tipos de Empreendedores**

Tipos de Empreendedores	Características do Empreendedor
Técnico	Necessita iniciar um negócio para exercer seu ofício
Tecnológico	Se associa ao desenvolvimento ou comercialização de um novo produto ou processo inovador.
Oportunista	Estabelece, fomenta, compra empreendimento em resposta a uma oportunidade.
Empregado	Inicia um negócio motivado pela liberdade, independência ou outros valores que um empreendimento torna possíveis.
Empreendedor por necessidade	Indivíduo que realiza negócios, geralmente de natureza informal, por não encontrar melhores opções de trabalho.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do trabalho de Souza (2005).

Como podemos observar, a inovação foi a característica empreendedora citada por todos os autores pesquisados no trabalho de Souza (2005). Outras características como: busca

de oportunidades, criatividade e correr riscos, também foram consideradas como características empreendedoras para mais da metade dos autores pesquisados.

Souza (2005, p.18) afirma que:

O comportamento do indivíduo empreendedor é influenciado pelo seu contexto e momento histórico, pela sua conduta e sistema de valores, o que pode representar capacidade de se adaptar às mudanças em seu meio, despender esforço para conseguir soluções originais, ter sensibilidade para o mundo em sua volta, ir além do óbvio tendo idéias originais. Isso pode se traduzir por criatividade, busca de oportunidade, correr risco e, de uma forma global, inovação. O empreendedor, assim, é um indivíduo especial, principalmente ao considerar essa característica de inovação e as dificuldades que envolvem tratar o fato novo como uma possibilidade real (SOUZA, 2005, p.18).

Observa-se que muitas das características atribuídas aos empreendedores, identificadas por Hornaday (1982); Meredith, Nelson & Neck (1982); Timmons (1978) *apud* Filion (1999) apresentadas no Quadro 1 são consideradas também por vários outros autores conforme Quadro 2, além de Filion (2000) e Souza (2005). Essas características permitem traçar o perfil de um empreendedor.

Para traçar o perfil do empreendedor no município de Leopoldina, as variáveis investigadas nessa pesquisa foram:

- Idade, sexo e escolaridade;
- Proximidade com outros empreendedores (ambiente de relação);
- O resultado esperado quando da abertura do negócio;
- Inovação e Criatividade;
- Busca por apoio e pró-atividade;
- Liderança;
- Assumir riscos;
- Perseverança;
- Experiência em negócios e Experiência empresarial;
- Qual atividade exercia antes de iniciar o negócio que não sobreviveu;
- Tomada de Decisão;
- Relação Trabalho x Realização Pessoal;
- Fatores considerados mais importantes para seu um empreendedor bem-sucedido.

## **Metodologia**

Esta pesquisa define-se como uma pesquisa descritiva na classificação de Gil (2006), Malhotra (2001) e Marconi e Lakatos (2006), pois procurou estudar as características específicas do grupo de empresas que não sobreviveram entre 2000 e 2005, o perfil de seus proprietários/empreendedores e identificar ou descobrir a existência de associações entre as variáveis pesquisadas. O presente estudo coletou dados de empresas consideradas particularmente, para chegar a conclusões gerais e definir o perfil e as características do empreendedor do município de Leopoldina.

Foi solicitado à Prefeitura Municipal de Leopoldina – Secretaria de Fazenda (Setor de Alvarás) um relatório com os dados de todas as empresas que pediram Alvará de Licença para Funcionamento e Baixa no período de 2000 a 2005. Esse relatório apresentou um total de 109 empresas, sendo que desse total, 14 empresas estavam sem a data de pedido de baixa (LEOPOLDINA, 2006). Com isso, o universo passou a ser de 95 empresas. O cadastro fornecido pelo Setor de Alvarás da Prefeitura Municipal de Leopoldina informa apenas o número de inscrição na Prefeitura, a razão social, o endereço (nº, bairro e CEP), datas de



início de atividade e datas de baixa das empresas. Utilizou-se a lista telefônica para descobrir o telefone das empresas à época de seu funcionamento ou o telefone do proprietário (muitas empresas eram firmas individuais) para completar o banco de dados e fazer a abordagem ao empreendedor/proprietário da empresa.

Das 95 empresas que constam no cadastro da Prefeitura, 43 empresas (45%) tiveram o telefone e o endereço localizados e fizeram parte da amostra dessa pesquisa.

Todas essas 43 empresas foram abordadas. Responderam à pesquisa 32 empresas (74%), sendo que todas essas 32 empresas se enquadraram como micro e pequena empresa, conforme critérios do SEBRAE Nacional (2004), que foram os critérios básicos definidos na delimitação do universo dessa pesquisa.

Portanto, para a realização dessa pesquisa optou-se pela amostragem por acessibilidade/por conveniência, como técnica de amostragem.

Gil (2006) afirma que a amostragem por acessibilidade ou por conveniência constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem e, por isso, é destituída de qualquer rigor estatístico. Para esse autor, nesse tipo de amostragem o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que esses possam representar o universo.

Os seguintes motivos foram fundamentais para a escolha dessa técnica amostral: (1) a impossibilidade de selecionar os pequenos negócios (MPEs) pelo critério de número de empregados diretamente na base de dados do setor de Alvarás da Prefeitura Municipal de Leopoldina e a conseqüente necessidade de selecioná-las no momento da coleta amostral, (2) a dificuldade de entrar em contato com a empresa que encerrou suas atividades e conseqüentemente com seu proprietário e (3) as restrições de recursos humanos e financeiros.

O instrumento de coleta de dados escolhido para ser aplicado nessa pesquisa foi o questionário

### **Análise dos Resultados**

Das 32 empresas, 25 (78%) são do setor de serviços, 6 empresas (19%) são do setor comércio varejista e apenas 1 empresa (3%) é do setor da indústria.

Observa-se que as pequenas empresas pesquisadas localizam-se predominantemente nos setores de serviços e comércio.

O resultado apresenta que 50% das empresas encerraram suas atividades no primeiro ano, 28% das empresas encerraram suas atividades entre o primeiro e o segundo ano e apenas 22% das empresas encerraram suas atividades após o terceiro ano. Observa-se que 78% das empresas pesquisadas não sobreviveram mais de dois anos.

Analisando por setor, observou-se que das 6 empresas do ramo de comércio varejista, 4 empresas (67%) sobreviveram mais de três anos. A única indústria pesquisada encerrou suas atividades no primeiro ano. Das 25 empresas de serviços pesquisadas, 14 empresas (56%) encerraram suas atividades já no primeiro ano de existência e apenas 3 empresas (12%) encerraram sua atividades após o terceiro ano. Pode-se dizer que a mortalidade das empresas de serviços ocorre mais cedo e que o setor de comércio varejista sobrevive por mais tempo. Evidências sobre a mortalidade precoce de empresas de serviço foram apresentadas também no trabalho de Dutra (2002), onde o autor destacou como um dos principais motivos para essa mortalidade no setor o fato de que as empresas de serviço são fáceis de ser criadas, por não exigirem um alto volume de capital inicial.

Do total de 83 pessoas ocupadas nas 32 empresas pesquisadas, 48 pessoas (58%) eram familiares e ou proprietários que trabalhavam no negócio em tempo integral, 11 pessoas (13%) eram sócios/proprietários (somente eles trabalhavam na empresa) e 24 pessoas (29%) eram outros empregados com ou sem carteira assinada. Observa-se uma relação de quase três trabalhadores por empresa, o que caracteriza o tamanho pequeno dos empreendimentos. Esse

resultado aproxima-se muito do apresentado pelo SEBRAE Nacional (2004) onde a média dos empregos gerados pelas empresas extintas nos anos de 2000, 2001 e 2002 foi de 3,2 empregos por empresa. Já para as empresas ativas, a pesquisa do SEBRAE Nacional (2004) apresenta uma média de 8 empregos por empresa.

O setor de serviços apresentou o maior número de pessoas ocupadas, totalizando 59 pessoas (71%), seguido pelo comércio varejista com 23 pessoas (28%) e pela indústria com apenas uma pessoa ocupada. O setor indústria apresentou apenas uma pessoa ocupada (o proprietário).

Quanto às informações demográficas dos empreendedores (as), foram pesquisados os aspectos de idade, sexo e escolaridade. Observou-se que dos 32 entrevistados 4 estavam na faixa considerada até 25 anos, 6 estavam na faixa dos 26 aos 30 anos, 6 na faixa dos 31 aos 35 anos, 6 na faixa dos 36 aos 40 anos, 3 dos 41 a 45 anos, 2 na faixa dos 46 aos 50 anos e 5 na faixa acima de 50 anos. Observou-se que 22 entrevistados (69%) possuem até 40 anos. O resultado da pesquisa do SEBRAE MG (2004) apresentou que 45,8% dos proprietários de empresas extintas tinham até 40 anos.

Dos 32 entrevistados 21 (66%) são do sexo masculino e 11 entrevistados (34%) são do sexo feminino. Na pesquisa do SEBRAE MG (2004) dos proprietários das empresas extintas, 62,5% eram do sexo masculino e 37,5% eram do sexo feminino.

Quanto à questão sobre o nível de escolaridade dos entrevistados, observou-se que apenas 1 entrevistado (3%) possui o 1º grau incompleto, 2 entrevistados (6%) possuem o 1º grau completo, 1 (3%) o 2º grau incompleto, 9 (28%) o 2º grau completo, 2 (6%) possuem o curso superior incompleto, 12 (38%) possuem o superior completo e 5 (16%) possuem pós-graduação.

Observou-se que 38% possuem curso superior e 16% possuem pós-graduação. Pesquisa do SEBRAE Nacional (2004) apontou que 29% dos proprietários das empresas extintas possuíam curso superior completo ou mais. É interessante constatar que, o fato dos empreendedores ter apresentado um elevado índice de escolaridade (54% tem curso superior ou mais), não impediu a mortalidade precoce dos empreendimentos, porém, não se pode considerar o nível de escolaridade, isoladamente, como um fator contribuinte para a mortalidade precoce dos pequenos negócios (FILARDI, 2006).

Foram questionadas as áreas do conhecimento das pessoas que possuem curso superior e pós-graduação. Observou-se formação em 8 áreas do conhecimento, sendo: 2 entrevistados em odontologia, 2 em direito, 4 em engenharia, 1 em pedagogia, 1 em zootecnia, 3 na área contábil, 1 na área de Letras e secretariado e um na área de fisioterapia. Um entrevistado respondeu que possui curso superior, mas não especificou em qual área do conhecimento.

No estudo de Filardi (2006), os empresários que tinham graduação em administração, informática e engenharia tiveram mais sucesso (sobreviveram mais tempo) do que os empresários formados em outras áreas do conhecimento (não relacionadas com gestão).

Segundo Filardi (2006), esse resultado mostra uma tendência de que a formação nestas áreas proporciona maior base para gerenciar um pequeno negócio. Observou-se que a maioria dos empreendedores de Leopoldina possuía formação em áreas do conhecimento não relacionadas à gestão

Os empreendedores foram questionados se alguém na família ou amigos próximos tem ou já teve uma empresa. Responderam que sim 23 empresas (72%), que não 8 empresas (25%). Uma empresa não respondeu essa questão da pesquisa.

Quanto à questão sobre quem promoveu a criação da empresa, 14 entrevistados (44%) responderam que as empresas foram criadas somente por eles, 10 entrevistados (31%) responderam que o negócio foi criado por ele e parentes (seus ou de sua esposa), 4 entrevistados (13%) responderam que o negócio foi criado por ele e outros sócios (não parentes), 2 entrevistados (6%) compraram a empresa em andamento, 1 entrevistado (3%)

respondeu que o negócio foi criado por ele e por amigos e 1 entrevistado respondeu que o negócio foi iniciado pelos filhos.

Entre os pequenos empreendimentos que fracassaram em Leopoldina no período analisado, existem praticamente iguais proporções de empreendimentos com sócios e sem sócios.

Os empreendedores foram questionados se participaram na criação de outras empresas antes da abertura da empresa que encerraram suas atividades (objeto dessa pesquisa). Vinte e sete entrevistados (84%) responderam que não participaram da criação de outras empresas e 5 entrevistados (16%) responderam que já participaram da criação de outras empresas.

O fato de 84% dos empreendedores terem respondido que não participaram da criação de outras empresas pode significar uma inexperiência na condução de um negócio e isso pode explicar a mortalidade precoce das empresas de Leopoldina.

A questão que pesquisou se o empreendedor (ou algum dos sócios) possuía experiência anterior no ramo de negócio escolhido apontou que 21 empreendedores responderam que sim, 9 empreendedores responderam que não e 2 responderam que possuíam experiência superficialmente. Desses 21 empreendedores que responderam que possuíam experiência, 10 sobreviveram até um ano, 6 sobreviveram entre um e dois anos e 5 sobreviveram mais de três anos. Dos 9 empreendedores que responderam que não possuíam experiência, 5 sobreviveram até um ano, 3 sobreviveram entre um e dois anos e 1 empreendedor teve seu negócio por mais de três anos. Os 2 empreendedores que responderam parcialmente sobreviveram menos de um ano.

Dos 23 empreendedores que responderam sim ou parcialmente na questão se eles possuíam experiência anterior no ramo de negócio que escolheram, observou-se que 20 empreendedores responderam que sim, porém, 10 possuíam experiência como empregados e 10 experiência como autônomo. Esse resultado corrobora o fato de 84% dos empreendedores terem respondido que não participaram da criação de outras empresas, ou seja, mais uma vez fica evidenciado a inexperiência na criação e condução do negócio como proprietário dele.

Observou-se que dos 32 entrevistados, 14 (44%) exerciam a atividades autônomas, seguidos por 9 (28%) que eram empregados de empresas privadas, 7 entrevistados (22%) que eram estudantes, 2 (6%) que eram proprietários de outras empresas.

Com relação à experiência empresarial do principal dirigente antes de iniciar as atividades, 14 entrevistados (44%) responderam que não tinham nenhuma experiência (6 sobreviveram até um ano, 5 sobreviveram entre dois e três anos e 3 sobreviveram mais de três anos), 10 entrevistados (31%) responderam que tinham experiência razoável (7 sobreviveram até um ano e 3 sobreviveram entre um e dois anos), 7 (22%) consideram que possuíam uma boa experiência (3 sobreviveram até um ano, 1 sobreviveu entre um e dois anos e 3 sobreviveram mais de três anos) e apenas 1 entrevistado respondeu que tinha excelente experiência empresarial (seu tempo de sobrevivência foi mais de três anos).

Dos 14 entrevistados sem experiência, apenas 3 sobreviveram por 3 anos, sendo a grande maioria vitimada de morte mais precoce. Já entre os entrevistados com boa experiência (7), a proporção daqueles que duraram mais tempo no negócio (3) foi significativamente maior. Mas é importante ressaltar que (a) a associação entre as duas variáveis é observada em empresas extintas, (b) o tempo de sobrevivência de uma empresa depende de muitos outros fatores.

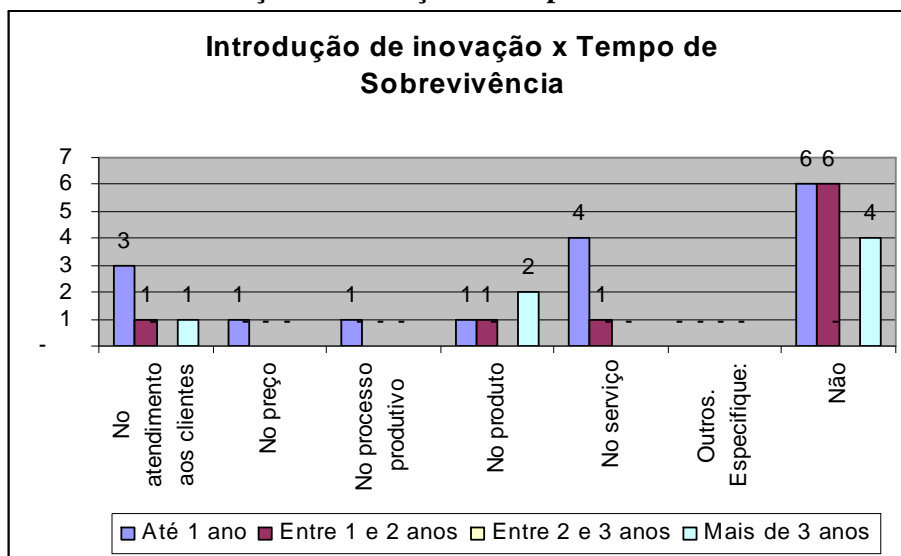
Os empreendedores foram questionados sobre a introdução/utilização de algum tipo de inovação dentro de sua empresa que pudesse diferenciá-la da concorrência por meio da vantagem competitiva. Dezesesseis empresas (50%) responderam que não introduziram nenhum tipo de inovação e as outras 16 empresas a introduziram de forma isolada, sendo que 5 empresas (16%) responderam que fizeram inovação por meio do serviço, outras 5 empresas (16%) responderam que introduziram a inovação por meio do atendimento ao cliente, 4

empresas (13%) procuraram se diferenciar pelo produto, 1 empresa (3%) pelo preço e 1 empresa (3%) respondeu que procurava se diferenciar do concorrente pelo processo produtivo. Esta introdução de inovações de forma isolada pode não ter sido suficiente para que as empresas pudessem ter vantagem competitiva em relação aos seus concorrentes. Para Kotler (2005, p.221) “as empresas são capazes de construir vantagem competitiva com base em muitas fontes, como qualidade, velocidade, segurança, projeto e confiabilidade, além de baixo custo, baixo preço e assim por diante”. Segundo Kotler (2005), a vantagem competitiva quase sempre é uma combinação singular desses fatores, em vez de uma única “bala de prata”.

O Gráfico 01 apresenta a relação das inovações introduzidas e o tempo de sobrevivência das empresas. Observou-se que das 16 empresas que responderam que não introduziram nenhum tipo de inovação, 6 empresas sobreviveram menos de um ano, 6 empresas sobreviveram entre um e dois anos e 4 empresas sobreviveram mais de três anos. Ou seja, 12 empresas (75%) que responderam que não introduziram nenhum tipo de inovação para se diferenciar da concorrência sobreviveram menos de dois anos no mercado. Pode-se concluir que o fato de não ter a inovação como um diferencial e não introduzir nenhum tipo de inovação na empresa, contribui decisivamente para a o fracasso do empreendimento, ou seja, esses fatores podem ser considerados como fatores condicionantes para a mortalidade dos pequenos negócios no município de Leopoldina.

Filardi (2006) identificou em seu estudo sobre os fatores contribuintes para a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo que a falta de inovação dos produtos e serviços contribui para a mortalidade das empresas.

**Gráfico 01**  
**Introdução de Inovação x Tempo de Sobrevivência**



Fonte: Sales (2007)

Com relação à questão que pesquisou qual ou quais eram as pessoas que tomavam as decisões na empresa, observou-se que 16 entrevistados (50%) responderam que somente eles tomavam as decisões na empresa. Dez entrevistados (31%) responderam que tomavam decisões em conjunto com seus sócios, 5 entrevistados (16%) responderam que tomavam decisões junto com parentes (esposo (a), filhos, etc.) e apenas 1 entrevistado (3%) respondeu que eram pessoas de outra empresa que tomavam as decisões.

Em relação à questão se o trabalho na empresa proporcionou satisfação pessoal, 13 entrevistados (41%) responderam que o trabalho na empresa trouxe realização na maioria das vezes (desses 13, 7 sobreviveram até um ano, 4 sobreviveram entre um e dois anos e 2 sobreviveram mais de três anos), 9 entrevistados (28%) responderam às vezes (desses 9, 3 sobreviveram até um ano, 4 sobreviveram entre um e dois anos e 2 sobreviveram mais de três anos), 8 entrevistados (25%) responderam que o trabalho sempre trouxe realização (desses 8, 4 sobreviveram até um ano, 1 sobreviveu entre um e dois anos e 3 sobreviveram mais de três anos), 1 empresa (3%) respondeu raramente (sobreviveu menos de um ano) e 1 empresa (3%) respondeu que o trabalho nunca trouxe realização (sobreviveu menos de um ano).

Quanto aos principais fatores que os empreendedores consideraram mais importantes para o sucesso empresarial os resultados apontaram para: (1) a opção utilização de capital próprio (conclui-se que somente o fato de utilizar 100% de capital próprio não impediu a mortalidade precoce das empresas), (2) ocorreu um empate entre as opções capacidade do empresário (liderança, criatividade, assumir riscos, perseverança) e mercado (conhecer bem, boa estratégia de Marketing).

### **Considerações Finais**

Os pequenos negócios são importantes para a economia do país, dos estados e dos municípios. Em Leopoldina, eles representavam 87% dos empregos formais no ano de 2001.

A pesquisa demonstrou uma alta taxa de mortalidade empresarial no Brasil onde 49.4% das empresas constituídas e registradas nos anos de 2000 e 2002 encerraram suas atividades com até dois anos de existência, segundo o SEBRAE Nacional, (2004). Para o mesmo período, no estado de Minas Gerais, a taxa de mortalidade apresentada foi de 45% para as empresas com até dois anos de existência (SEBRAE MG, 2004). Já para o município de Leopoldina, essa taxa de mortalidade se mostrou ainda maior, onde 78% das pequenas empresas pesquisadas (criadas entre os anos de 2000 a 2005) não sobrevieram mais de dois anos.

Na análise feita por setor, observou-se que a mortalidade nas empresas de serviços ocorre mais cedo e que o setor de comércio varejista sobrevive por mais tempo. Evidências sobre a mortalidade precoce de empresas de serviço foram apresentadas também no trabalho de Dutra (2002), onde o autor destacou como um dos principais motivos para essa mortalidade, o fato de que as empresas de serviço são fáceis de ser criadas, por não exigirem um alto volume de capital inicial.

Em relação ao porte da empresa quanto ao número de pessoas ocupadas na época do funcionamento, observou-se uma relação de quase três trabalhadores por empresa, o que caracteriza o tamanho pequeno dos empreendimentos. Esse resultado aproximou-se muito do apresentado pelo SEBRAE Nacional (2004) onde a média dos empregos gerados pelas empresas extintas nos anos de 2000, 2001 e 2005 foi de 3,2 empregos por empresa. Já para as empresas ativas, a pesquisa do SEBRAE Nacional (2004) apresentou uma média de 8 empregos por empresa.

Como principais motivos que levaram os entrevistados à abertura do negócio destacou-se o conhecimento do ramo de atividade. Os empreendedores pesquisados demonstraram ter conhecimento do ramo de atividade, mas, devido ao alto índice de mortalidade dos pequenos negócios no município, esse conhecimento pode não ter sido suficiente para evitar o fracasso do empreendimento.

Em relação aos aspectos de idade e sexo, concluiu-se que a maioria dos empreendedores que tiveram suas empresas encerradas em Leopoldina era do sexo masculino (66%) e possuía até 40 anos (69%). Observou-se que esses dados estão muito próximos dos resultados apresentados na pesquisa do SEBRAE MG (2004).

Observou-se um elevado índice de escolaridade, visto que 28% possuíam o 2º grau completo, 38% possuíam curso superior e 16% possuíam pós-graduação. Concluiu-se então que o fato dos empreendedores ter apresentado um elevado índice de escolaridade não impediu a mortalidade precoce dos empreendimentos. Para Filardi (2006) não se pode considerar o nível de escolaridade isoladamente como um fator condicionante para a mortalidade precoce dos pequenos negócios. A afirmação de Filardi (2006) é confirmada nessa pesquisa, mas acrescenta-se a importância de se levar em consideração as áreas de conhecimento dos que possuíam curso superior. Observou-se formação em 8 áreas do conhecimento, sendo: 2 entrevistados em Odontologia, 2 em Direito, 4 em Engenharia, 1 em Pedagogia, 1 em Zootecnia, 3 na área Contábil, 1 na área de Letras e Secretariado e um na área de Fisioterapia. Portanto, a maioria dos empreendedores de Leopoldina possuía formação em áreas do conhecimento não relacionadas à gestão e isso poder ter contribuído para a mortalidade dos pequenos negócios do município. Estudo feito por Filardi (2006) constatou que os empresários que tinham graduação em administração, informática e engenharia tiveram mais sucesso do que os empresários formados em outras áreas do conhecimento (não relacionadas com gestão). Segundo Filardi (2006), esse resultado mostra uma tendência de que a formação nestas áreas proporciona maior base para gerenciar um pequeno negócio.

O fato de 84% dos empreendedores terem respondido que não participaram da criação de outras empresas pode significar uma inexperiência na condução de um negócio e isso pode explicar a mortalidade precoce das empresas de Leopoldina. Portanto, a inexperiência na condução e criação de um outro negócio anteriormente ao que não sobreviveu pode ser considerada um fator condicionante da mortalidade dos pequenos negócios em Leopoldina.

Quanto à questão que abordou se o empreendedor introduziu ou utilizou algum tipo de inovação dentro de sua empresa que pudesse diferenciá-la da concorrência concluiu-se que 50% dos entrevistados fizeram inovações de forma isolada não conseguindo vantagem competitiva em relação aos seus concorrentes e 50% dos entrevistados não fizeram nenhum tipo de inovação, sendo que desses 75% sobreviveram menos de dois anos. O fato de não ter a inovação como um diferencial na busca por vantagem competitiva e não introduzir nenhum tipo de inovação na empresa, contribuiu decisivamente para a o fracasso do empreendimento, ou seja, esses fatores podem ser considerados como fatores condicionantes para a mortalidade dos pequenos negócios no município de Leopoldina.

Concluiu-se que, ao apontarem o fator capacidade do empresário, esses empresários de Leopoldina que fracassaram reconhecem que essas características empreendedoras são importantes para o sucesso empresarial, porém, não demonstraram possuí-las, como por exemplo, o fato de não utilizarem a inovação como diferencial competitivo.

Portanto, os fatores liderança, inovação, criatividade, assumir riscos, perseverança além de conhecer bem o mercado e ter boa estratégia de Marketing não contemplam o perfil, as características e os atributos dos empreendedores proprietários de pequenos negócios que não sobreviveram em Leopoldina entre 2000 e 2005 (até seis anos).

Por fim, considera-se importante a realização de pesquisas como essa em outras cidades e micro-regiões do país, onde se possam fazer análises criteriosas e regionalizadas do perfil e das características dos empreendedores e dos fatores condicionantes da mortalidade dos pequenos negócios. Uma futura pesquisa deveria abranger uma área geográfica maior, com um número maior de municípios para que se possa extrair uma amostra de tamanho mínimo necessário para a aplicação de métodos mais rigorosos de análise de dados. Por exemplo, constituindo uma base de dados para toda a Zona da Mata mineira.

## Referências Bibliográficas

- ANGELO, E. B. **O.O empreendedorismo.** in: BRITTO, F. WEVER, L. **Empreendedores brasileiros: vivendo e aprendendo com grandes nomes.** Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- BARROS, B. T.; PRATES, M. A S. **O estilo brasileiro de administrar.** São Paulo: Atlas, 1996.
- BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Social. **Município em Dados.** Disponível no site [www.federativo.bndes.gov.br/destaques/bdg/bdg\\_mun.asp?idgeo=313840](http://www.federativo.bndes.gov.br/destaques/bdg/bdg_mun.asp?idgeo=313840). Acesso em 14/06/2006.
- DEGEN, R. J. **Empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial.** São Paulo: MacGraw-Hill, 1989.
- DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor: A metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza.** São Paulo: Editora de Cultura, 1999.
- DORNELAS, Jose Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios.** São Paulo: Pioneira, 1986.
- DUTRA, Ivan de Souza. **O perfil do Empreendedor e a Mortalidade de Micro e Pequenas Empresas Londrinenses.** 2002. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina consorciadas, Maringá/Londrina. Disponível em <http://www.ppa.uem.br/defesas/pdf/dis014.pdf> Acesso em 09/07/2006.
- FILARDI, Luis Fernando. **Estudo dos Fatores Contribuintes para a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo.** 2006. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/download.php/teses/disponiveis/12/12139/tde-20112006-093303/publico/TeseVersaoFinal.pdf>> Acesso em 15/12/2006.
- FILION, Louis Jacques. **Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios.** Revista de Administração v. 34, n. 2, p. 05-28, Abril/Junho 1999.
- \_\_\_\_\_. **O planejamento de seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações.** Revista de Administração de Empresas, v.31, nº 3, jul./set. 1991.
- \_\_\_\_\_. **From entrepreneurship to entrepreneurship.** USASBE CONFERENCE. Proceedings, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Empreendedorismo e Gerenciamento: processos distintos, porém complementares.** RAE Light – v. 7 – n. 3 –p.2-7 – Jul./Set. 2000.
- FONTANELLE, Caio; HOELTGEBAUM, Marianne; SILBEIRA, Amélia. **A Influência do Perfil Empreendedor dos Franqueados no Desempenho Organizacional.** In: ENANPAD 2006, 30º Encontro da ANPAD, 2006, Salvador (BA). Anais... Salvador: ANPAD, CD-ROM.
- FRESE, M.; UTSCH, A.; ROTHFUSS, R.; RAUCH, A. **Another look at Schumpeter's theory of entrepreneurs: a comparison of entrepreneurs and managers in East Germany.** International Council for Small Business, Proceedings, 1996.
- GARCIA, Luiz Fernando. **Formação empreendedora na educação profissional: capacitação a distância de professores para o empreendedorismo.** UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Laboratório de Ensino a Distância. Florianópolis: LED, 2000.
- GEM – *Global Entrepreneurship Monitor.* **Empreendedorismo no Brasil. 2004a – Sumário Executivo.** Paraná: IBPQ, SEBRAE.
- GEM – *Global Entrepreneurship Monitor.* **Empreendedorismo no Brasil. 2005 – Sumário Executivo.** Paraná: IBPQ, SEBRAE.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2006.
- GONÇALVES, Carlos Alberto; OLIVEIRA, Daniela Ferro de, GOSLING, Marlusa. **Comportamento Empreendedor e Posicionamento Estratégico: Um Caso de Spin-off na Indústria Siderúrgica no Brasil.** In: ENANPAD 2006, 30º Encontro da ANPAD, 2006, Salvador (BA). Anais... Salvador: ANPAD, CD-ROM.
- HÉBERT, R.F. e LINK, A. N. “In search of the meaning of entrepreneurship”, **Small Business Economics** 1, 39-49, 1989

- HORNADAY, JA. *Research about living entrepreneurs*. In: KENT, C. A.; SEXTON, D. L.; VESPER, K. H. (eds). *Encyclopedia of entrepreneurship*. Englewood Cliffs, N. J., Prentice Hall, 1982. p.20-34.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Cadastro Central de Empresas 2004**, Rio de Janeiro, 2006 Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/cadastroempresa/2004/cempre2004.pdf>> acesso em 19/07/2007.
- LEITE E. F. **O fenômeno do empreendedorismo e as empresas de base tecnológica**. in: SOUZA, Eda C. L. de (Org). **Empreendedorismo: competência essencial para pequena e médias empresas**. Brasília: Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas (Anprotec), 2000.
- LEOPOLDINA, Prefeitura Municipal. Secretaria da Fazenda – Setor de Expedição de Alvarás. **Relatório das empresas que pediram inscrição e baixa no município entre 2000 e 2005**. Leopoldina 2006.
- LEOPOLDINA, Prefeitura Municipal. Secretaria de Desenvolvimento – Ind. Comércio. **PRODEM – Programa de apoio ao desenvolvimento econômico do município de Leopoldina - 2005**. Leopoldina - MG
- LONGENECKER, J. G.; MOORE, C. W.; PETTY, J. W. **Administração de pequenas empresas: ênfase na gerência empresarial**. São Paulo: Makron Books, 2004.
- MACDONAD, R. E. *Linking organizational learnig and innovation*. Tese (Doutorado) – University of Connecticut, Connecticut.
- McCLELLAND, D.C. *The achieving society*. Princeton: Van Nostrand, 1961.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade competitiva: realização e progresso social**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Entrepreneurship and achievement motivation: approaches to the science of sócio-economic development*. In: LENGYEL, P. (ed). Paris. UNESCO, 1971.
- MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2006.
- MEREDITH, G.G.; NELSON, R. E.; NECK, P. A.; *The practice of entrepreneurship*. Geneva, International Labour Office, 1982.
- MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safári de estratégia**. Porto Alegre: Bookman, 2000.
- PNUD, 2004. ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Atlas do Desenvolvimento Humano**. Disponível em < <http://www.pnud.org.br/atlas/>> . Acesso em 09/01/2006.
- RAIS, Relatório Anual de Informações Sociais; MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. 2001.
- SALES, Alessandro Heleno e SOUZA NETO, Silvestre Prado de. **Empreendedorismo nas Micro e Pequenas Empresas no Brasil**. RPA – Revista de Práticas Administrativas, v.1 n° , 2 Set/Out. 2004.
- SALES, Rodrigo Lacerda. **O Perfil do Empreendedor e os Fatores Condicionantes da Mortalidade dos Pequenos Negócios no Município de Leopoldina**. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Presidente Antonio Carlos, Barbacena - MG.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**, Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961
- \_\_\_\_\_. **História da Análise Econômica**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964, v. 1.



- \_\_\_\_\_. **Teoria do Desenvolvimento Econômico:** uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Capitalismo, Socialismo e Democracia,** Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- SEBRAE MG – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – MG. **Programa de Emprego e Renda – PRODER. Diagnóstico Municipal – Leopoldina – MG.** Belo Horizonte: 1997.
- SEBRAE MG – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Relatório de Pesquisa – Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil.** 2004
- SEBRAE Nacional – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Relatório de Pesquisa – Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil.** 2004
- SOUZA, Eda Castro Lucas de. Empreendedorismo: da gênese à contemporaneidade in: SOUZA, Eda Castro Lucas de; GUIMARÃES Tomás de Aquino (org.) **Empreendedorismo além do plano de negócios.** São Paulo: Atlas, 2005.
- TIMMONS, J. A. *Motivating economic achievement: a five-year appraisal.* AMERICAN INSTITUTE OF DECISION SCIENCES. *Proceedings. Boston. Nov. 1973. (Reference in: TIMMONS, J. A. Characteristics and role demands of entrepreneurship. American Journal of Small Business, v. 3, n. 1. p.5-17, 1978.*
- URIARTE, Luiz Ricardo. *et al.* **Empresário ou Empreendedor?** In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. I., 2000, Maringá PR. **Anais...**Maringá PR: p. 71-80, out./2000 (ISSN 1518-4382).
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 2003.
- WENNEKERS, S.; THURIK, R. **Linking Entrepreneurship and Economic Growth.** Small Business Economics 13: 27-55. 1999.